

ECOS DA CONFERÊNCIA DE CELEBRAÇÃO DE 50 ANOS DO *CALGARY FAMILY THERAPY CENTRE*

**CARLA
GUANAES-LORENZI**

*Universidade de São
Paulo/SP, Brasil*

No período de 16 a 20 de agosto de 2023, profissionais e terapeutas familiares de vários lugares do mundo se reuniram em Calgary para a Conferência *Bringing Forth Generativities Within Relational Disquiets*, organizada pelo Calgary Family Therapy Centre (CFTC), com o apoio da *University of Calgary* (Alberta, Canada). Além de uma temática original, o evento era também um momento de celebração e reconhecimento da obra do psiquiatra e terapeuta familiar Karl Tomm, fundador e diretor do CFTC por 50 anos.

Recebi o convite dos editores da revista *Nova Perspectiva Sistêmica* para escrever sobre essa Conferência porque, além de participar dela, eu estive, durante o primeiro semestre de 2023, como professora visitante na *University of Calgary*, desenvolvendo atividades de pesquisa no CFTC com Karl Tomm e sua equipe. Assim, pude acompanhar a organização desse evento e conhecer de perto os processos que levaram à escolha desse importante tema.

Começo meu breve relato com alguns dados de contexto por acreditar que isso sempre atravessa o modo como significamos o mundo a nossa volta. O CFTC é um instituto de terapia familiar responsável por oferecer assistência, treinamento clínico e pesquisa em terapia familiar. É um instituto sem fins lucrativos, que recebe apoio tanto da *University of Calgary*, a partir de parcerias com profissionais e acadêmicos da universidade, como do sistema público de saúde de Alberta e de outras doações. As famílias são atendidas gratuitamente por alunos e profissionais contratados, que compõem uma equipe diversa e interdisciplinar. Assim, o CFTC pode ser descrito como um espaço aberto e dinâmico, que tem oferecido vasta contribuição ao campo da terapia familiar a partir da articulação entre pesquisa, teoria e prática.

O CFTC se localiza na cidade de Calgary, que é uma grande cidade localizada na província de Alberta, no Canadá. A cidade fica relativamente próxima das Montanhas Rochosas (cerca de 100km), atraindo turistas interessados em explorar as montanhas, os lagos e ver os animais selvagens que habitam o local. Antes da ocupação europeia, povos tradicionais e ancestrais da *Blackfoot Confederacy* (Siksika, Kainai, Piikani), e das nações Tsuut'ina, Îyâxe Nakoda, e Métis (Região 3) habitavam a cidade de Mohkínstsis/ Calgary. O reconhecimento do território ocupado, verbalizado atualmente em reuniões, aulas, comunicações oficiais e eventos públicos, pode ser compreendido como uma das conquistas dos povos indígenas, em sua luta por preservar sua história e memória.

Calgary tem um inverno longo e rigoroso, o que faz com que o verão seja esperado, ansiosamente, por muitos habitantes como oportunidade para passeios e esportes ao ar livre. No entanto, na semana do Congresso, aconteciam, na região,

incêndios de grandes proporções, que cobriram o céu de Calgary de fumaça. A província de British Columbia, vizinha de Alberta, declarou estado de emergência, pois estava passando pela maior crise de incêndios de sua história. A causa, conforme jornais anunciavam, poderia ser atribuída possivelmente às altas temperaturas devido ao aquecimento global. Os incêndios na região deixaram muitas famílias desabrigadas. O próprio hotel onde parte do evento se desenvolveu estava, naquela mesma semana, abrigando famílias que precisaram evacuar às pressas suas residências.

De certo modo, a fumaça que se via do lado de fora das salas onde nosso congresso acontecia parecia materializar a inquietação (ou desassossego) que muitos de nós sentimos quando pensamos acerca da relação que temos estabelecido com nosso ambiente e a necessidade que vimos sentindo de inventar novas práticas, novos modos de agir no mundo como pessoas e como profissionais. Era como se o tema da Conferência — o potencial generativo das inquietações relacionais — se materializasse de uma forma não antecipada, lembrando-nos do que Shotter (2016) apontou em seu último livro: ser humano é fazer parte de um contínuo fluxo relacional, que compreende a relação entre as pessoas, e entre elas e seus arredores.

Como descreveu Karl Tomm, o termo “*disquiet*” — que sugiro traduzirmos para o português como inquietação ou desassossego — não é uma linguagem tão comum no contexto das práticas terapêuticas (Tomm, 2022). Embora geralmente o termo remeta a um sentimento ou a uma experiência individual, é de especial interesse para os profissionais sistêmicos e construcionistas a sua compreensão como um *evento relacional*. Inquietações relacionais (*relational disquiets*) podem ser compreendidas como uma resposta corporificada a algum acontecimento. Algo acontece em nossa relação com o outro ou com o mundo que nos gera um desconforto, uma sensação de não encaixe, de que há algo errado. Como essa sensação é frequentemente experimentada como algo desconfortável ou negativo, não é incomum que nossa primeira resposta seja buscar evitar ou nos distanciar daquilo que nos inquieta. No entanto, como sugere Karl Tomm, parece ser especialmente interessante para nós, terapeutas, investigar e compreender o potencial generativo que pode resultar das inquietações relacionais (Tomm, 2022).

A forma como nós reagimos a esses momentos de inquietação ou desassossego importa. Conversas desenvolvidas a partir de inquietações relacionais podem ampliar conflitos, rupturas e dores, mas podem, também, ser o início de uma nova história relacional, em que novos significados e formas de vida podem emergir (Tomm, 2022). Em um ou outro caso, importa-nos refletir sobre como participamos desses momentos. O que fazemos, como pessoas e, especialmente, como terapeutas? Como nos movemos a partir dessas inquietações? Como podemos operar melhor nossa intencionalidade como terapeutas, transformando inquietações em futuros preferíveis para indivíduos, grupos e comunidades?

Os participantes do evento foram convidados a se engajarem em um diálogo produtivo sobre o tema da Conferência mesmo antes dela acontecer. Uma lista de discussão *on-line* foi criada e foi compartilhado um primeiro texto, produzido por Karl Tomm, no qual ele apresentava algumas contribuições teóricas sobre os conceitos que se articulavam na proposta da conferência: “*bringforthism*”, “*relational disquiets*”, e “*generativities*” (ver: Tomm, 2022). Outras reflexões se desenvolveram a partir das ideias iniciais do autor — algumas mais teóricas e acadêmicas, outras mais experienciais e voltadas à prática; e, com o tempo, outras linguagens também foram trazidas para o grupo de discussão como forma de ampliar nossos entendimentos e relações com o tema: vídeos, filmes, metáforas e até uma *playlist* de músicas. Assim, chegamos

à conferência com algumas ideias, com muitas dúvidas e bastante curiosos pelas ampliações que poderíamos experienciar em nosso encontro.

Seria impossível resumir aqui a riqueza desse evento, que contou com a participação de 18 conferencistas, 20 *workshops* e 40 apresentações orais sobre diferentes tópicos. A equipe organizadora do evento, na qual me incluo, está trabalhando para encontrar as melhores formas de registrar e tornar públicas as conversas e as memórias desse encontro tão rico e emocionante, que diz tanto sobre a história da terapia familiar e de seu processo de transformação ao longo do tempo.

O Congresso foi um lugar para encontrar muitos autores de destaque na história da terapia familiar. Autores de vários lugares do mundo, de diferentes grupos e institutos, estavam presentes celebrando a obra de Karl Tomm, lembrando histórias e também trazendo novas provocações para manter o campo em movimento. Representantes das práticas sistêmicas, narrativas, colaborativas, construcionistas, focadas na solução, da terapia socialmente justa, apresentavam suas ideias e tentavam tecer reflexões apoiadas na linguagem das inquietações relacionais e de seu potencial generativo. Algumas apresentações versavam sobre as inquietações que sentimos ao observarmos conflitos ou tensões muito acentuados no sistema familiar. Outras, sobre a nossa relação com as famílias, sobretudo quando experienciamos um choque com nossos próprios vieses e valores. Outras, ainda, versavam sobre as inquietações vividas quando testemunhamos os limites das nossas ações locais frente a dinâmicas mais amplas, sociais, ambientais, globais. Também foram compartilhadas histórias vividas no campo da terapia familiar, histórias de situações ou encontros que foram experienciados como inquietantes num primeiro momento, mas que puderam se transformar ao longo do tempo em ricas histórias de colaboração e amizade. Foram muitas ideias vibrantes e muitas provocações.

Para não correr o risco de mencionar apenas parte das vozes que compuseram o evento, opto por apresentar algumas questões que ficaram comigo a partir da minha passagem por Calgary. Tais questões, para mim, sinalizam também o movimento dinâmico da terapia familiar em sua busca por se manter atenta e aberta às transformações que o mundo de hoje exige de nós. Embora essas perguntas tenham sido elaboradas por mim para este texto, elas estão atravessadas pelas vozes da equipe do CFTC e dos diferentes apresentadores e participantes da Conferência.

O que ganhamos ao trazer a linguagem das inquietações relacionais para o centro dos processos de formação e prática em terapia familiar? Quando tecer diálogos sobre inquietações pode ser um recurso para geração de novos sentidos? Que cuidados um terapeuta precisa tomar para que tais diálogos sejam generativos? Que recursos conversacionais adotar e quais evitar? Qual o papel da reflexividade, das conversas internas do terapeuta, na exploração das inquietações relacionais? Inquietações relacionais podem nos indicar a presença de algo a que resistimos? O que as nossas inquietações dizem sobre aquilo que valorizamos, ou sobre aquilo que efetivamente importa para cada um de nós, para nossos relacionamentos e para nossa comunidade? O que nossas inquietações revelam sobre nossos preconceitos e vieses?

E quando é a própria prática da terapia familiar que nos inquieta? Quando a sala de terapia se mostra tóxica ou limitante, indicando que o trabalho comunitário pode ser o melhor caminho? E quando é justamente na sala de terapia que sentimos que devemos estar para alcançar a mudança desejada? Qual o diálogo necessário entre terapia e ativismo? Como emprestamos o poder, que se faz presente na posição distinta que ocupamos, para tecer conversas em lugares talvez não tão familiares? Por fim, o que cabe agora à nova geração de terapeutas familiares? Como participaremos

dessa história? Será que conseguiremos produzir algumas respostas para os desafios que presenciamos em nossos relacionamentos e no nosso mundo?

Finalizo este texto com tantas questões que têm, para mim, um sentido especial. Afinal, escrevo justamente sobre uma Conferência que tinha como objetivo celebrar os 50 anos do CFTC e do trabalho de Karl Tomm. De tantas habilidades possíveis de serem reconhecidas nesse importante terapeuta familiar, talvez a mais visível seja sua crença persistente na possibilidade de mudança e no papel que as perguntas exercem em um processo terapêutico. Assim, espero que as perguntas ofertadas neste texto gerem inquietações e nos motivem a continuar a escrever a história da terapia familiar de modo criativo e inusitado.

Obrigada, Karl Tomm e equipe do CFTC, pelo exemplo e pela inspiração ao longo de todos esses anos, e por agora lançarem luz ao papel das inquietações relacionais na construção de possibilidades de mudança e, porque não dizer, da possibilidade de um outro futuro.

APOIO FINANCEIRO

CAPES/Print, CNPq.

PARA SABER MAIS

- Informações sobre a Conferência e programa: <https://www.familytherapy.org/conference>
- Informações sobre o Calgary Family Therapy Centre: <https://www.familytherapy.org/>

REFERÊNCIAS

Shotter, J. (2016). *Speaking, actually: Towards a new “Fluid Common-Sense Understanding of Relational Becomings*. Hampton Press.

Tomm, K. (2022). *A backgrounder for the theme of the 2023 CFTC 50th Anniversary Conference “Bringing Forth Generativities Within Relational Disquiet”*. Disponível em: https://70eff5b8-e7bb-4b10-be73-9349f39ca5f1.usrfiles.com/ugd/70eff5_f8b0aa6d-5c3a49afaed534e26eebe0f2.pdf

CARLA GUANAES-LORENZI

Carla Guanaes-Lorenzi. Psicóloga e terapeuta familiar. Mestre, Doutora e Livre-Docente pela USP. É professora associada II do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), atuando nos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia.

<https://orcid.org/0000-0001-6263-9078>

E-mail: carlaguanaes@usp.br